

# Desenvolvimento do objeto fetiche nas primeiras relações

Jackeline Suzie Giusti\*

Soledad Cristina de Almeida Garcia Ferdinandi\*\*

O mundo interno da criança desenvolve-se a partir de suas relações com o psiquismo do objeto externo primário – a mãe. É com ela que o bebê vai vivenciar experiências que lhe despertarão reações físicas e emocionais. Nesse momento, ele ainda não diferencia entre realidade interna e externa, não sabe se essas experiências ocorrem “dentro” ou “fora” dele.

Winnicott afirma que “o apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê”. Uma mãe suficientemente boa vai propiciar uma gradual separação mãe-bebê, assim desenvolvendo no bebê a concepção da realidade externa, onde os objetos aparecem e desaparecem.

Durante esse processo de separação, que teve início com o nascimento, altos níveis de ansiedade emergem no bebê. Para se proteger dessa ansiedade, o bebê desenvolve defesas na tentativa de resgatar a união perdida com a mãe, dentre as quais se encontra uso do objeto fetiche.

Antes de definirmos objeto fetiche, não podemos deixar de citar o objeto transicional e o fenômeno transicional, segundo Winnicott (1951). O fenômeno transicional é o processo pelo qual ocorre a diferenciação do “eu – não eu”. Quando falamos em objeto transicional, é preciso ter em mente que esse objeto auxilia a transição entre “eu – não eu”, funcionando como uma fronteira entre o externo e o interno. Esse objeto é eleito pelo próprio bebê, que desenvolve uma forte ligação com o mesmo. O objeto transicional pertence ao espaço físico no qual se relacionam mãe e bebê. É o ursinho de pelúcia, a ponta de um cobertor, a fralda... E é o próprio bebê quem dá um “sentido” ao objeto.

Para Freud (1927), o fetiche aparece como uma reação ao conflito relacionado com a percepção desagradável da ausência do pênis e o desejo de sua presença. Pênis este que o menino acreditou sua mãe possuir. O fetiche destina-se a preservá-lo da extinção, tentando diminuir, assim, a ansiedade disparada pelo fantasma da castração.

Não podemos nos esquecer que anteriormente à ameaça da castração, existem outras perdas ou ameaças de perdas também importantes na relação e organização do objeto e sujeito, como o seio, as fezes...

## RESUMO

Os autores discutem o desenvolvimento do objeto fetiche nas primeiras relações do bebê, a partir da observação segundo o método Esther Bick. Observou-se que o objeto fetiche substituiu o objeto transicional diante da ansiedade de separação, em consequência de uma falha na internalização de uma boa relação primária com a mãe.

## PALAVRAS-CHAVE

Objeto transicional, objeto fetiche, método Esther Bick de observação de bebês.

\* Psiquiatra, voluntária do Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

\*\* Psicóloga Clínica

O objetivo deste trabalho é demonstrar como a perda do “seio” e a falta de um “olhar materno” acolhedor propiciou o surgimento de um objeto fetiche no bebê.

O material aqui apresentado é um síntese de observações realizadas segundo o método E. Bick de observação da relação mãe-bebê, pela qual pudemos acompanhar o aparecimento de um objeto fetiche.

As observações aconteceram durante os anos de 1996 e 1997, com início no final do primeiro mês de vida do bebê e encerrando-se no décimo oitavo mês. O bebê é do sexo feminino, e os pais estão na faixa etária de 25 e 30 anos.

Desde as primeiras observações, a mãe mostrou-se bastante presente e atenciosa quanto aos cuidados com o bebê. Apesar disso, ela não conseguia estabelecer um vínculo adequado com ele, ou seja, não existia uma “maternagem”. A mãe atendia seu bebê segundo seus próprios conceitos, não escutando as necessidades dele ou tentando prever qual seria a próxima reação, não sabia esperar. Apesar disso, o bebê parecia tranquilo: enquanto dormia, mostrava ter um bom objeto internalizado quando sugava seu próprio punho. Mostrava-se também satisfeito durante a amamentação.

A medida que o bebê se desenvolvia, a mãe gradativamente se distanciava dele. Aos poucos, quando o bebê chorava, a empregada é quem aparecia para consolá-lo ou, quando a mãe aparecia, esta tentava acalmá-lo, colocando objetos coloridos à frente dele. A mãe não conseguia se relacionar com o bebê sem que houvesse algum objeto ou tarefa intermediando essa relação, como, por exemplo, amamentação e banho. Criava situações para relacionar-se com ele. No início do quinto mês, ela começou a levar o bebê à natação, ficando com ele por uma hora, executando exercícios físicos.

O bebê rejeitava comportamentos da mãe quando esta tentava distraí-lo com brinquedos, ele chorava até que alguém o pegasse no colo (a mãe ou a empregada), embora este “colo” durasse pouco, pois a mãe logo o devolvia para os brinquedos.

No início do sexto mês, a mãe contratou um babá. Nessa época, a mãe procurava estar com o bebê no horário do banho e da amamentação, o restante do tempo, ele ficava com a babá, embora a mãe estivesse sempre em casa durante os horários das observações.

No início do sétimo mês, a mãe introduziu alimentos pastosos na dieta do bebê, havendo boa aceitação por parte dele, que ainda era amamentado ao seio.

No oitavo mês, a mãe introduziu mamadeiras durante o dia, sempre recusadas pelo bebê, que continuou aceitando bem o seio materno durante a noite.

Quando o bebê completou nove meses, a mãe contratou uma nova babá que a substituiu no banho e na hora da alimentação. Com isso, a mãe distanciou-se ainda mais do bebê: aparecia apenas para brincar um pouco com ele e saía de cena em seguida. Mesmo assim,

o bebê solicitava a mãe e insistia em tê-la presente, procurando-a pelos cômodos da casa.

A mãe mostrava-se bastante ansiosa quando brincava com o bebê. Tentava estimulá-lo e não conseguia esperar que ele executasse a brincadeira. A mãe também gostava de mostrar os avanços do bebê.

Nessa época, o bebê não era mais amamentado e lutava contra isso, recusava as mamadeiras e, algumas vezes, ia com a boca aberta em direção ao seio da mãe ou da babá.

Com onze meses, vimos o bebê dormindo com um lenço de seda colorido e com tons fortes, possivelmente pertencente à mãe. Nessa observação, quando o bebê acordou, a mãe lhe ofereceu a mamadeira, a qual ele aceitou, segurando o lenço e levando-o de um lado para o outro no ar. Nessa ocasião, o lenço não foi solicitado pelo bebê, mas foi oferecido a ele juntamente com a mamadeira.

Outro lenço de seda colorido foi percebido em uma outra observação. Depois, o lenço foi trocado por roupas de dormir da mãe, sempre de seda (como, por exemplo, camisola ou calça de pijama).

Estes pertences da mãe foram sendo cada vez mais presentes nas observações. Concomitantemente, a mãe foi afastando-se cada vez mais do bebê. Houve momentos em que o bebê procurou pela mãe e esta, “porque estava falando ao telefone”, afastou-se do bebê também fisicamente, mudando de cômodo.

Entrou em cena uma nova babá que, nessa época, morava na casa e cuidava do bebê o tempo todo. Nosso bebê contava agora quatorze meses de idade e, por sua vez, perdeu ainda mais a “presença da mãe”. Nessa época, o bebê carregava as roupas da mãe por onde ia, fosse para brincar, comer ou dormir, e chamava-as de “Naná” para, em seguida, buscar um canto afastado da sala. Passados alguns minutos, a mãe comentou que ele evacuou.

O bebê costumava segurar seu “Naná” e levar o polegar da mesma mão à boca, sugando-o. Ele não aceitou chupeta, mas sempre sugou o polegar. Esse sugar também era menos freqüente nos primeiros meses, aumentando progressivamente com o passar do tempo.

## Considerações

Muito do que percebemos nesse material aponta para a ansiedade da mãe em lidar emocionalmente com seu bebê: ela relacionava-se com ele por meio de tarefas, como amamentá-lo, dar-lhe banho e fazê-lo dormir, estimulando-o durante as brincadeiras e oferecendo brinquedos coloridos para consolá-lo. Ela parecia não conseguir dar sentido emocional às brincadeiras de seu bebê.

À medida que o bebê crescia, a mãe afastava-se gradativamente dele e, talvez, percebendo-se insu-

ficiente, colocava brinquedos e contratava babás para compensar suas próprias limitações.

O bebê reagia, buscando o contato dela.

Com o início do desmame, quando a separação foi ainda maior, surge o lenço no berço do bebê. O que parecia ser um objeto transicional a caminho da simbolização, gradativamente vai sendo usado cada vez mais como equação simbólica, como um substituto concreto da mãe, assumindo características de um objeto fetiche. A camisola de seda da mãe segurada pelo bebê, enquanto sugava o polegar da mesma mão, simulava para ele a cena da amamentação. A seda, possivelmente, seria a última peça de roupa que o bebê visualizou antes do mamilo.

O ato do bebê sugar o polegar e, ao mesmo tempo, segurar a seda tinha a função de protegê-lo da ansiedade da separação. O bebê parecia agir dessa forma por não ter conseguido internalizar uma boa relação primária com a mãe, não tendo ainda uma representação desta.

O gradativo afastamento da mãe e a imposição de objetos para suprir sua ausência parecem ter propiciado o surgimento do objeto fetiche em negação, obstruindo, assim, a possibilidade da representação da mãe.

## SUMMARY

The authors discuss the development of the fetish object in the early object-relations, through an observation according to Esther Bick's method. It was found that the fetish object replaced the transitional object as result of the worry of separation in consequence of lack of internalization of a "good" early relationship between baby and mother.

## KEYWORDS

Transitional object, fetish object, Esther Bick's method for babies' observation.

## Bibliografia

1. BICK, E. Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psycho-analysis*, 1964.
2. FREUD, S. *Fetichismo. Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1927.
3. KLEIN, M. *Desarrollos en Psicanálisis, cap. VII – Observando la Conducta de Bebés*. Buenos Aires: Hormé, 1971.
4. LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. *Dicionário de Psicoanálisis*. Barcelona: Labor, 1974.
5. PÉREZ SÁNCHEZ, M. *Observação de bebês*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
6. WINNICOTT, W.D. *Textos Seleccionados: Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.